



O JORNAL ESCOLAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA MULTIDISCIPLINAR DE INCENTIVO À LEITURA E ESCRITA DE GÊNEROS TEXTUAIS

Autora: Andrezza Soares Espínola de Amorim
Universidade Federal da Paraíba – UFPB (dezza_jc@hotmail.com);

Coautora: Alena Sousa de Melo
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB (alena_sousa@yahoo.com.br)

Resumo:

Na tentativa de estimular os alunos e envolvê-los nas atividades de leitura e produção de textos, muitos educadores têm investido no Jornal Escolar. Ferramenta teoricamente capaz de mobilizar os alunos para a construção coletiva de um produto que envolve leitura e escrita de gêneros textuais diversificados de forma natural e até divertida, de contribuir para a formação linguística deles, de aumentar o seu interesse e de contribuir para a aprendizagem de outros conteúdos, adentrando o âmbito de outras disciplinas, a exemplo da Biologia. É o que buscaremos constatar com o Projeto denominado “O jornal escolar como ferramenta de incentivo à leitura e escrita de gêneros textuais”, em andamento na Escola Estadual Alzira Lisboa, localizada em Jacaraú-PB. Acreditamos que o envolvimento dos jovens em cada etapa do processo de construção do jornal, desde a escolha do nome até a formatação final, leve-os a valorizar mais as atividades propostas e produza resultados melhores do que os obtidos pelas obsoletas aulas de redação. O projeto conta com um grupo de 30 alunos voluntários que se dispuseram a participar e assumiram responsabilidades inerentes a uma redação de jornal, além deles, o jornal contará com colaboradores, autores e co-autores, que realizarão pesquisas e colaborarão alimentando o jornal da escola. A expectativa é que o lançamento da primeira edição do jornal, com data prevista para novembro, mobilize toda a comunidade escolar e, nos próximos anos, sejam possíveis mais de uma edição por ano.

Palavras-chave: Jornal escolar. Pesquisa. Ensino.

Introdução

A dificuldade de escrita e leitura apresentada por grande parte dos alunos, em qualquer nível de escolaridade, é um problema que vem preocupando professores em todo o país. Comumente ouvem-se as frases: “os alunos não escrevem bem porque não leem”, ou “precisamos recuperar o prestígio da norma culta entre os jovens”, mas a verdade é que os alunos nunca leram tanto como agora, no mundo do *hiperlink*, e em geral reconhecem a importância das regras gramaticais. Então por que escrevem cada vez pior? Por que apresentam tanta dificuldade para ler o que está nas



entrelinhas dos textos? A partir de perguntas como essas surgiram várias teorias que buscam explicar tamanha deficiência ou propor estratégias para melhorar a proficiência linguística dos estudantes. Todavia, o único consenso entre os teóricos é que a velha abordagem puramente estrutural e descontextualizada da língua tem se mostrado sobremaneira ineficiente.

Sabe-se que o ensino da língua portuguesa nas escolas esteve, durante décadas, voltado para as regras gramaticais ou “norma culta”, a leitura e escrita – quando aconteciam – e funcionavam apenas como formas de se trabalhar a variante padrão. Dessa forma, a produção textual era imposta e se dava longe da sua função social; o professor, na maioria dos casos único interlocutor, não interagia com o aluno, lia o texto apenas em busca dos possíveis “erros” e o objetivo da atividade de escrita era apenas a obtenção de uma nota.

Esse tipo de abordagem da língua, puramente estrutural, desconsidera que

o homem usa a língua porque vive em comunidades, nas quais tem necessidade de comunicar-se com os seus semelhantes, de estabelecer com eles relações dos mais variados tipos, de obter deles reações ou comportamentos, de atuar sobre eles das mais diversas maneiras, enfim, de interagir socialmente por meio do seu discurso (KOCH, 2006, p. 15).

Assim, a produção textual realizada por meio de atividades mecânicas e desestimulantes limita a capacidade de expressão dos alunos e acaba afastando os jovens da sua língua materna ao invés de aproximá-los. É comum que escritores formados através desse processo apresentem dificuldade para articular as diferentes formas de texto e compreender as diversas funções que eles podem desempenhar.

De encontro a esse tipo de abordagem, teóricos como Marcuschi, Ingedore Koch e Irene Machado propõem a adoção dos gêneros textuais ou discursivos como importante ferramenta a ser usada pelos professores para estimular o desenvolvimento da competência discursiva dos educandos.

Segundo Marcuschi, “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, eles contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia”. (2002, p. 19). Nessa perspectiva, o trabalho com os gêneros textuais representa uma alternativa para se abordar diferentes tipos¹ de textos, ressaltando, além da forma, a função social de cada um, pois embora a forma do gênero adiante muito de suas propriedades, na

¹ O termo não se refere à tipologia textual apresentada por Marcuschi (2002), a qual abrange “cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção” (p. 23).



prática eles “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (MARCUSCHI, 2002, p. 20).

Todavia, não basta apresentar aos alunos uma infinidade de textos, é preciso despertar o interesse deles para a leitura e a produção textuais, eles precisam sentir-se motivados, pois, citando Pierri Lévy:

nada é possível se não temos do lado dos nossos estudantes uma profunda vontade de aprender. Uma vez que essa energia esteja presente, eu diria que as coisas se tornam relativamente fáceis. Mas, se estamos diante de estudantes que querem fazer o menos possível para obter uma nota, poderemos colocar em marcha o sistema pedagógico mais extraordinário possível que nada vai acontecer. É preciso, sobretudo, querer aprender, querer criar. (1h11min)

Na tentativa de estimular os alunos e envolvê-los nas atividades de leitura e produção de textos, muitos educadores têm investido no Jornal Escolar. Teoricamente, essa ferramenta é capaz de mobilizar os alunos para a construção coletiva de um produto que envolve leitura e escrita de gêneros textuais diversificados de forma natural e até divertida. Além da inegável contribuição para a formação linguística desses alunos, o jornal também pode aumentar o interesse e contribuir para a aprendizagem de outros conteúdos, do âmbito de outras disciplinas, a exemplo da Biologia, que neste projeto aborda a produção de Tirinhas como elemento gráfico de informação no Jornal Escolar. Com o objetivo de conseguir atingir uma diversidade de público, e atrair um maior número de alunos interessados em participar deste projeto, acreditamos que utilizar as Tirinhas de HQ como ferramenta pedagógica, confere um caráter educacional mais dinâmico, criativo e assertivo na produção de textos e matérias do Jornal Escolar.

Uma vez reconhecida essa capacidade de “falar diversas línguas” no material quadrinizado, notamos também que essa linguagem permite aos seus apreciadores, a aquisição de diversas informações e porque não dizer, de conhecimento. Ainda que se caracterize como veículo de comunicação em massa e que esse fator implique em uma série de críticas por conta das ideologias presentes na criação desses materiais, a presença não só dos quadrinhos em sala de aula, mas também de jornais, televisão e revistas demonstram a forte relação existente entre o ambiente escolar e o que está fora dele (...) (PIZARRO, 2009, p.20)

O caráter multidisciplinar que uma atividade envolvendo gêneros textuais diversos deixa de legado aos estudantes é de extrema utilidade para a vida prática do aluno. Na disciplina de Biologia, a comunicação tem o papel fundamental para a formação do aluno quanto a conduzi-lo a um pensamento crítico a partir de leituras de textos científicos.



E, quando utilizamos leitura e produção textual nas aulas de Biologia para a disseminação e a popularização da ciência, estamos conduzindo a escola para uma prática social responsável

Tão importante quando a leitura é fazer entender que a informação científica deve ser de domínio público e ser capaz de atingir diversos públicos. Por meio de práticas pedagógicas lúdicas e divertidas, o aluno além de despertar mais interesse pela escola transforma-se num agente multiplicador de saberes de forma intuitiva.

Refletir sobre a popularização da ciência e do método científico, aproximar o lúdico do científico e o popular, disseminar a ciência com qualidade sem perder a credibilidade e de forma informal parecem ser grandes desafios para os profissionais da educação em atrair a atenção dos alunos para dentro da sala de aula, promovendo a eles um ensino mais contextualizado e divertido. (BANTI, 2012, p. 33)

Mas se é urgente a renovação das práticas pedagógicas, é igualmente necessário subsidiá-las. Os professores, além da disposição para continuar aprendendo e se atualizando, precisam de ferramentas que os ajudem a realizar um bom trabalho ou que, no mínimo, os incentivem a empreender os seus próprios experimentos metodológicos, pois “as pessoas têm tendência em impor às gerações que se lhes seguem os mesmos métodos que as formaram, ou deformaram.” (FREINET, 1974, p. 6).

Muitos alunos dizem que não gostam da língua portuguesa, porque ela é difícil, por vezes inacessível; porém, parafraseando Bagno (1999, p. 35), quando o ensino de Português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua, provavelmente ninguém mais repetirá essa bobagem. É justamente a este ensino, contextualizado e preocupado com o desenvolvimento de competências variadas, que o jornal escolar pode servir. Posto que, segundo Freinet (1974), “um jornal escolar não está, não pode estar, não deve estar ao serviço de uma pedagogia escolástica que lhe diminuiria o alcance. Deve estar, sim, à medida de uma educação que, pela vida, prepara para a vida”. (p. 44)

Educar não é somente ensinar esses conteúdos ou transmiti-los, mas incentivar leituras e posicionamento críticos com a intenção de ensinar ao aluno em que momento esse treinamento mental poderá ajudá-lo. (BANTI, 2012, p. 33)

Nessa perspectiva, além de espaço para a exploração de gêneros textuais variados, o jornal da escola pode servir como estímulo à participação e ao desejo de aprender nos alunos, tornando-se uma importante ferramenta de apoio aos professores que se dispuserem a trabalhar com os gêneros textuais e a estimular a criatividade e a capacidade dos estudantes de se expressarem de forma



autônoma, criativa e consciente. Acreditamos que o envolvimento dos jovens em cada etapa do processo de construção do jornal, desde a escolha do nome até a formatação final, leve-os a valorizar mais as atividades propostas e produza resultados melhores do que os obtidos pelas obsoletas aulas de redação. É o que buscaremos comprovar durante a execução deste trabalho.

Metodologia

O trabalho será realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Alzira Lisboa, localizada à Rua Sete de Setembro, nº 453, Bairro São José, na cidade de Jacaraú/PB. A princípio, envolverá um grupo de aproximadamente 30 alunos selecionados entre as três séries do ensino médio, nos três turnos, os quais se dividirão em equipes menores de acordo com suas habilidades.

Esse grupo ficará encarregado da organização geral do jornal, da elaboração das charges e redação das reportagens, bem como da seleção do material a ser publicado e da formatação final de cada exemplar; além disso, ficará incumbido de receber e organizar os materiais produzidos pelos outros estudantes, bem como de promover na escola as ações propostas pelo jornal, sempre com a supervisão do professor responsável.

Serão esses 30 alunos que receberão aulas mais específicas para a montagem do suporte jornal e participarão de um debate sobre os limites da liberdade de expressão e a ética no jornalismo. As aulas se dividirão em cinco módulos, com a seguinte disposição:

Módulo I

Nesse primeiro encontro, os alunos serão apresentados ao suporte e o fragmentarão em partes²: Capa do Jornal, cabeçalho, manchete, chamada, fotografia (e legenda), recursos infográficos (gráficos, tabelas, desenhos que ajudam na explicação de um acontecimento noticiado). Eles serão convidados a reconhecer também a variedade de gêneros que compõem o jornal: Notícia, o mais comum de todos, o editorial, a reportagem, o artigo de opinião, a resenha crítica, a crônica, a carta de leitor, a carta de reclamação, a charge, o anúncio, a entrevista, a propaganda, a programação de lazer (TV, Rádio, Cinema, Teatro, Shows), entre outros.

² Material retirado do Blog Pescando Letras. Disponível em: <<http://pescandolettras.blogspot.com.br/2012/05/genero-textual-jornal-parte-ii.html>>. Acesso em: 10 de jul. 2016.



Depois desse primeiro contato com as partes que compõem o jornal, os alunos serão convidados a traçar um projeto do que seria o Jornal da Escola e a pensar em um nome interessante, o qual deverá ser apresentado no módulo II.

Módulo II

Espera-se que os alunos cheguem a essa etapa já com um jornal em mente, pensando sobre os gêneros que gostarão de trabalhar e que poderão se comprometer a trabalhar, o que é muito importante. As melhores sugestões de nomes serão selecionadas e irão para votação aberta, incluindo todos os alunos e funcionários da escola.

Traçado “esqueleto do jornal”, os alunos serão separados por grupos, cada qual responsável por uma parte do jornal. Esses alunos poderão convidar outros colegas, que tenham nítida aptidão para a tarefa escolhida, ou que demonstrem vontade de aprender e compromisso com o trabalho.

Os módulos III, IV e V, serão destinados ao trabalho com os gêneros escolhidos, e contará com o apoio de todos os professores de língua portuguesa envolvidos no projeto, de modo que não sobrecarregue uma pessoa só. Como o trabalho ainda está em andamento, até agora foram realizadas oficinas com: artigo de opinião e crônica (aproveitando o ensejo das Olimpíadas de Língua Portuguesa), entrevista, notícia e reportagem (que já fazem parte das oficinas realizadas para a OLP).

Até aqui temos uma reportagem selecionada, feita pelos alunos no 2º ano A, para a disciplina de Língua portuguesa, sobre a castanha de caju e a mão de obra infantil, e algumas notícias, a exemplo do lançamento da nova campanha da quadrilha Sanfona de Ouro, que já se prepara para homenagear a personagem Chaves no próximo São João.

A parte de formatação do jornal ficará a cargo de um voluntário, que já trabalha com o programa *Microsoft Publisher* e ensinará os alunos voluntários a fazer a diagramação do jornal. Foram cinco os encarregados dessa tarefa, lembrando que o projeto ainda está em andamento e esse número pode aumentar conforme ele avança.

De modo geral, aos professores de língua portuguesa caberá selecionar os interessados, oferecer apoio teórico e acompanhar de perto o trabalho dos alunos, inclusive com horários semanais reservados para esse fim na sala de informática do colégio. O mais interessante do trabalho com o jornal escolar é que o seu caráter multidisciplinar permeia todo o currículo e pode atingir diversas disciplinas, dependendo da orientação dada.



As reportagens e notícias, por exemplo, podem incluir todas as disciplinas que se dispuserem a participar do projeto. O processo de pesquisa, entrevistas e elaboração da redação de notícias e reportagens pode representar, se bem orientado, um mergulho profundo no conteúdo explorado, potencializando a aprendizagem dos alunos e servindo como avaliação para a disciplina.

Para a primeira edição do jornal, a disciplina de Biologia em uma abordagem lúdica irá trabalhar a produção de Tirinhas de Histórias em Quadrinhos como elemento educacional gráfico. Por apresentarem elementos gráficos e textuais, as tirinhas levam informação rápida, incentivam à leitura e despertam a criatividade dos estudantes, tendo em vista que Histórias em Quadrinhos (HQ) possuem características de humor, críticas e ideologias, destacamos o caráter formativo que esta atividade desenvolve nos estudantes. Para que sejam produzidas, as tirinhas precisam ter o olhar observador/crítico de quem as escreve e precisam passar a informação de uma maneira ilustrada e de fácil compreensão para o leitor. E, nas aulas de Biologia, fica evidente a necessidade deste alcance rápido e assertivo nas informações que surgem no decorrer das aulas. A temática escolhida pelos alunos foi o “*Aedes aegyptii* e a crescente onda de contaminação pelos vírus da Dengue, Zika e Chikungunya” por ser um tema em evidência nos dias atuais e pelo caráter multidisciplinar que está temática configura. Os alunos deverão formar grupos e idealizar Tirinhas que tenham como objetivo informar à comunidade escolar com enfoque na prevenção de doenças de uma forma precisa, clara, divertida e ilustrada.

Após a produção das Tirinhas, fica sob a responsabilidade da professora de Biologia corrigir possíveis erros conceituais antes que o jornal seja publicado, evitando assim um desserviço.

Ao final do ano letivo, todos os alunos diretamente envolvidos no projeto, os professores de língua portuguesa e uma parte dos demais estudantes responderão a questionários semiestruturados, a fim de identificar as reais contribuições do jornal para o desenvolvimento da competência linguística dos alunos, para o relacionamento entre eles e para a prática da aprendizagem colaborativa dentro da escola. Os alunos responderão também a um exercício que testará sua proficiência linguística por meio de questões objetivas e discursivas que envolverão diversos gêneros textuais.

Todo o material documentado, assim como as respectivas análises realizadas, será organizado em relatórios que servirão de apoio para trabalhos futuros.

Resultados e discussão



A escola moderna precisa encontrar formas de chamar a atenção do aluno e despertar nele a vontade de aprender. No que tange à leitura e produção textual, o estudante precisa estar envolvido no processo, conhecê-lo, pois só se aprende a escrever escrevendo, mas não escrevendo qualquer coisa; a escrita precisa ter e fazer sentido. Assim sendo, quanto mais contextualizadas forem as atividades de leitura e produção textual, melhor será a aprendizagem dos alunos e o jornal escolar tem se mostrado uma importante ferramenta pedagógica para os professores, não apenas por facilitar a abordagem contextualizada de diversos gêneros textuais, mas também como estímulo aos educandos, como espaço de diálogo, reflexão, diversão e construção coletiva do saber.

Acreditamos que a adoção de uma metodologia diferenciada, que leve em consideração as habilidades que os alunos já possuem, seja capaz de despertar o interesse e promover a participação voluntária deles. Uma vez inseridos no processo, os estudantes buscarão fazer um bom trabalho e se dedicarão mais às atividades, potencializando a aprendizagem. Pelo menos é o que temos visto até aqui, alunos conhecidos pela falta de interesse e apatia durante as aulas, mas com habilidades para desenhar, têm se mostrado mais participativos e dedicados, simplesmente para poder publicar uma charge no jornal da escola.

O jornal, entendido como uma ferramenta didática, quando trabalhado em sala de aula, poderá favorecer o desenvolvimento das capacidades leitoras dos alunos do ensino médio e também levá-los a conhecer e produzir alguns dos diferentes gêneros textuais que são veiculados pelo jornal. Outros alunos, não diretamente envolvidos no projeto, poderão participar por meio de atividades propostas pelos professores durante as aulas ou ainda aderindo a ações promovidas pelo próprio jornal, como: correio da amizade, concurso de redação, espaço do humor, entre outras.

Acreditamos que a publicação do jornal motive os alunos escritores - uma vez que outras pessoas além do professor lerão os seus textos - fazendo com que se dediquem a produções cada vez melhores. Os alunos leitores, por interesse ou curiosidade, acabarão lendo as publicações do jornal, mantendo contato com gêneros variados, que talvez não tivessem o hábito de ler.

O resultado esperado é que ao final do ano letivo os discentes conheçam mais gêneros textuais do que conheceriam por meio das aulas tradicionais e tornem-se mais proficientes em relação aos usos da língua.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BANTI, Rafael Silva. A utilização das Histórias em Quadrinhos no Ensino de Ciências e Biologia. 2012. **Monografia** (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2012/1o_SEM.12/RAFAEL_SILVA_BANTI.pdf> . Acesso em 13 ago. 2016.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Trad. Filomena Quadros Branco. Lisboa: Estampa, 1974.

KOCH, Ingedore G. Vilhaça **Argumentação e linguagem**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LEITE, L. C. M. **Gramática e Literatura: desencontros e esperanças**. In: Revista Linha D'água, 4. São Paulo: Associação de Professores de Língua e Literatura – APLL, 1986.

LÉVY, Pierre. Mesa Redonda: **A educação na era do conhecimento** (francês/português). UNISINOS, 2000. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=uQ-NhG4C6m0>>. Acesso em 24 fev 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PIZARRO, M. V. Histórias em quadrinhos e o ensino de Ciências nas séries iniciais: estabelecendo relações para o ensino de conteúdos curriculares procedimentais, 2009, 188f. **Dissertação** (Mestre em Educação para a Ciência) - UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2009.

REINALDO, M. A. G. M. **A orientação para produção de texto**. In: Dionísio, Angela P. e Bezerra, M^a A.. (Org.). O livro didático de português: múltiplos olhares. 1^a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.